

Estratégias de retextualização utilizadas por intérpretes na sinalização para Libras de textos falados em português por professores do curso de Letras-Libras da UFPI

Paulo Alves de Carvalho (bolsista do PIBIC-Af/CNPq/UFPI), Maria Lourdilene Vieira Barbosa (Orientadora, Depart. CCLL, UFPI)

Palavras-chave: retextualização; libras; estratégias.

1. Introdução

Das necessidades humanas, a comunicação se impõe como basilar entre os sujeitos que se agrupam socialmente por motivos dos mais variados e reclama por entendimento nas inúmeras situações correntes. Nas modalidades orais e escritas, a linguagem se apresenta como a mais comum no trato de comunicar, por isso mesmo recebe um aspecto natural, próprio do ser humano. Traduzir apresenta naturalmente graus de complexidades variados. E para tal empreitada importa lançar mão por meio da razão e/ou da experiência acerca do entendimento que envolve as línguas alvo e língua fonte num espectro linguístico, cultural e social. Significa dizer que não se trata apenas de um processo que envolve línguas distintas, mas evidentemente de uma determinada comunidade, portanto culturas diferentes.

Ao se pensar em tradução de qualquer língua oral para uma língua de natureza viso espacial há de se considerar suas naturezas distintas. Travaglia (2013) se utiliza da nomenclatura tradução ao se referir à retextualização e entende cada texto como único e cada sujeito traduz de acordo com sua percepção de mundo, processo corrente exclusivamente entre textos escritos entre duas línguas orais.

Na contramão do pensamento de Travaglia, Marcuschi (2010) concebe a retextualização como um processo criativo que pode ser alterado mediante a situação que se lhe impõe fortemente alavancado pelo contexto social onde as possibilidades de retextualização são variadas

2. Metodologia

A viabilização da construção dos dados deste trabalho ocorreu sob sessões de filmagens na integras, realizadas num período médio de um mês, em dias alternados em aulas eleitas nas turmas de quarto e primeiro períodos curso de Letras Libras, que para essa empresa, não houve um filtro específico quanto a escolha do ambiente nem tão pouco envolveu critérios para escolha dos profissionais objetos alvos de nossa observação, que foram totalizados em cinco os mediadores/intérpretes.

A reunião das informações necessárias e suficientes sob a forma verbal produzida a partir da fala do professor contida em cinco vídeos gravados foram transcritas integralmente e deram origem a nossa base investigativa para a qual consideramos as estratégias usadas por Albres e Santiago (2012), Vieira Barbosa (2015), Barbosa (2004)

As transformações/retextualizações, percebidas nas poções textuais foram adredemente isoladas e retiradas para a análise propriamente dita de modo comparativo e a partir destas ocorrências construir nossas considerações, exemplificado no quadro abaixo:

Quadro 1: quadro geral de retextualização

TEXTO FONTE	TEXTO ALVO	ESTRATÉGIA
Fala do professor	Transformações / retextualizações em Libras	Acréscimo, datilologia(soletração), eliminação, equivalência, pergunta retórica, reconstrução de período, substituição e tradução literal

Fonte: autoria própria.



3. Resultados e discussão

Quadro 2: Fragmento do texto fonte e seu correspondente retextualizado. <intérprete 02>

TEXTO FONTE	TEXTO ALVO	ESTRATÉGIA
<p>Não há uma exploração sobre os fenômenos físicos e sociais, ou seja, o menino ver o fenômeno físico e social, mas ele não consegue entender o que tá acontecendo, porque, na teoria de Piaget, não tem uma função para esse cara bem aqui, o interlocutor é o que tá lá no meio, mas, não necessariamente, ele tá interagindo com a criança,</p>	<p>NÃO TER PROCURAR OUTRO MOMENTO SOCIAL TAMBÉM CORPO F-I-S-I-C-O TAMBEM SOCIAL MAS DÚVIDA NÃO CONHECER CLARO O QUE ACONTECER REAL PORQUE TEORIA PIAGET NÃO TER O QUE? FUNÇÃO PESSOA INTERAÇÃO I-N-T-E-R-L-O-C-U-T-O-R TER PARTICIPAÇÃO AQUI MEIO PRECISA NÃO INETERAÇÃO CRIANÇA</p>	<p>Tradução Literal Datilologia Reconstrução de período (Pergunta retórica)</p>

Fonte: autoria própria.

Na escolha de dar um sentido mais acertado a tradução, o intérprete lança mão de reforçar o entendimento apresentado pela datilologia e acrescenta uma explicação para a soletração. O sinal de corpo, que não é mencionado no texto fonte, é introduzido no texto alvo como estratégia de clarificar a informação nova e, em seguida, é soletrado F-Í-S-I-C-O, ao qual tenta se relacionar ao sinal de corpo.

Ao traduzir “ou seja, o menino ver o fenômeno físico e social, mas ele não consegue entender o que tá acontecendo”, há uma escolha pela reconstrução de período, reduzindo-o a termos mais simples, todavia, mantida a ideia principal apresentada no texto fonte e retextualizada no texto alvo pelos sinais “MAS DÚVIDA NÃO CONHECER CLARO” que é a de desconhecimento, que não desfaz a ideia principal da tradução que é de que alguém tem dúvidas, não importando o tipo de sujeito/gênero.

Os elementos de tradução aqui apresentados “em uso” para transmitir os enunciados, alguns despontam de maneira expressiva em detrimentos de outros o que não desmerece os de uso menos frequente. Na reconstrução de períodos o uso da pergunta retórica, válido lembrar que esta escolha acontece preferencialmente em todo o corpus, esta evidencia reclama por olhares mais cautelosos dando margem a uma investigação mais apurada de modos a comprovar a eficiência do seu uso dada a sua recorrência e não ser encontrado na literatura da área justificativa a tamanha expressividade de uso.

A soletração, também conhecida como datilologia - “Na língua de sinais brasileira, o alfabeto manual é usado, normalmente, para soletrar nomes próprios. [...] O alfabeto manual também é usado para informar o endereço de algum lugar, soletrando-se o nome da rua [...]”. (PIMENTA e QUADROS, 2009, p. 99). - Seu uso se apresenta de maneira expressiva digno de destaque ao que parece se imprescindível no que tange a transmissão dos sentidos haja vista nem sempre haver um corresponde do português para libras, aqui se apresentou sob dois aspectos distintos: reclama por situ

A tradução literal, “aquela que mantém a semântica estrita, adequando a morfossintaxe às normas gramaticais da LT [língua da tradução]” (AUBERT, 1987), apud BARBOSA, 2004, p. 65) é de uso corrente em meios acadêmicos e formais no que tange intermediação das línguas, apresentou-se em todas as ocorrências observadas em nosso trabalho, os recursos escolhidos pelos interpretes aconteceram dentro desta perspectiva tradutória garantindo eficientemente o processo da retextualização.

4. Conclusão

A retextualização feita a partir das informações do texto fonte acontecem a partir de estratégias já utilizadas nos meios acadêmicos dentre outros ambientes em que a Libras tente alcançar seus utentes. A



tradução literal se impõe como mais eficiente por disponibilizar ferramentas que dão conta desse ofício. A literatura que abraça o tema é bastante flexível em números quanto as possibilidades de escolhas desses artifícios, bem como há uma nomenclatura bastante diversa para essas estratégias que, em súpula, tratam do mesmo ofício.

A estratégia de reconstrução de períodos que consiste em redividir ou reagrupar as porções no seu original ao passa-lo ao texto fonte, segundo Barbosa (2004), reafirma a necessidade do respeito pela estrutura da Libras para conter do enunciado pretendido, uma vez que já é entendido que as duas línguas se enunciam por características totalmente distintas, os elementos linguísticos da libras não se apresentam por natureza própria na modalidade oral, a despeito disso, o profissional que faz a intermediação não deve desnaturar uma em detrimento da outra, o que torna a tarefa de aproximação não muito fácil.

Importante ressaltar que o termo “estratégia” aqui utilizado traz, em sua gênese etimológica, conceitos mais abrangentes, passíveis considerações de contexto, intimamente envolvido no processo decisório ao pensar em uma determinada atividade, e usando uma atividade formalizada pra chegar a um ponto pré-determinado. Concordo com Barbosa (2004) quando definiu tradução como “atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro”.

5. Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução e interpretação em língua de sinais como objeto de estudo: produção acadêmica brasileira: 1980 a 2006. Campo Grande – MS: EPILMS17 e 18 de novembro, 2006.

BARBOSA, H. G. Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta. 2a ed. Campinas: Pontes, 2004.

MARCUSCHI, Luís Antônio. 2000. Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de Libras 2: básico. 1.ed., Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009, p. 99.

TRAVAGLIA, Neuza. Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual. 2001. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VIEIRA-BARBOSA, Maria Lourdilene. O processamento da informação na webnotícia. 2015. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2015.

6. Apoio

Universidade Federal do Piauí

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico